

Manaus, quinta-feira, 20 de abril de 2000

a crítica CIDADES c5

NA MANAUS-ITACOATIARA

Reflexão marca o Dia do Índio

INDÍGENAS DANÇARAM PARA COMEMORAR UMA DATA QUE, PARA ELES, NÃO DEVERIA SER FESTIVA

ANA CELIA OSSAME

Por alguns instantes, os índios abrigados na Casa do Índio, localizada no quilômetro 25 da Manaus-Itacoatiara, e os familiares deles esqueceram as dores, doenças e preocupações para assistir a uma festa de comemoração ao Dia do Índio. Os ianomamis, uai-uai, ticuna e sateré maué dançaram e cantaram para comemorar uma data que não deveria ser festiva, na avaliação da índia baré Celina Cadena, 53, da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab). "São genocídios, etnocídios e milhares de vidas perdidas nesses 500 anos", disse.

O discurso de Celina deu o tom de reflexão à festa que reuniu os mais de 170 índios que vivem hoje naquele local. A maioria está em tratamento médico e não consegue refletir os efeitos provocados pela colonização. "Está tudo bem, tudo é bom", diz a índia ianomami Eunice Regina Fernandes, que cuida da filha, Maira Regina, de apenas um ano de vida, doente com tuberculose.



FESTA Além de cantos e danças, os índios também avaliaram os anos de colonização

Natural da cidade de Maturacá, em Roraima, Eunice carrega a filha, que está muito debilitada, apoiada na cintura. Outra ianomami com a filha é Celina Figueiredo da Silva, que levou a filha para buscar tratamento para um problema na boca. Ela também não tem do que reclamar. "Está tudo bonito aqui", afirmou ele, referindo-se não só aos enfeites colocados na área destinada a ser

o centro de convivência da Casa do Índio, mas a tudo ali.

Para Celina, no entanto, esse é um momento não só para festa, mas também uma oportunidade histórica para os índios avaliarem a extensão do genocídio cultural praticado pelos colonizadores brancos. E mudar essa história que ainda acontece com muitos povos submetidos a massacres, seja por invasões de terra promovidas por

garimpeiros ou madeireiros, seja por outro tipo de invasão.

"O que a colonização trouxe para os índios?" questiona ela, dando as respostas que parecem óbvias. "Trouxe guerras, doenças e mortes", afirma Celina, para assegurar que a diferença hoje é que os índios não estão mais calados, sozinhos e desorganizados. "Esse é o fato que deve ser comemorado nestes 500 anos", completa.

Ricardo Oliveira

'O RESGATE'

Estudantes apresentam peça

A festa na Casa do Índio, promovida pela Fundação Nacional do Índio (Funasa), órgão responsável pela administração da casa, contou com a participação de alunos da Escola Terezinha Moura Brasil, na Compensa. Eles apresentaram uma peça teatral denominada de "O Resgate", mostrando situações ocorridas desde a chegada dos portugueses ao Brasil, quando encontraram os índios, até os dias de hoje. A peça teve a participação especial do professor Luiz Fidélis, índio baniua natural de Santa Isabel do

Rio Negro, que está em Manaus fazendo curso sequencial sobre lideranças indígenas na Universidade do Amazonas (UA); e apresentações de índios ianomami, que se pintaram para fazer a dança "praii", realizada na época da colheita do açaí, banana, pupunha e cará, segundo o índio Cláudio Ianomami, 37.

Depois que os grupos se apresentaram, houve um lanche com doces típicos do Amazonas, como bolo de macaxeira e milho, mingau de banana e frutas.

Presença feminina

Celina Cadena prepara-se para participar, nos dias 26 e 27 deste mês, do Encontro Nacional de Mulheres Feministas que vai acontecer em João Pessoa (PB). Ela e outra índia do Amazonas serão as únicas mulheres índias a participar do evento, realizado pela Rede Nacional de Mulheres Feministas, cujo objetivo é fazer uma avaliação histórica do papel da mulher nesses 500 anos de Brasil.

A índia baré, que nasceu em Cucuí, fronteira com a Venezuela e Colômbia, no município de São Gabriel da Cachoeira, a 858 quilômetros de Manaus, sente-se orgulhosa de poder participar do

encontro para questionar a tese do descobrimento. Com isso, até faz uma ironia. "Acho que o Pedro Álvares Cabral fez o papel de português, no estilo que se conhece aqui. Veio ser besta porque descobriu uma terra já conhecida por Cristóvão Colombo no ano de 1492, quando este descobriu a América", afirmou Celina.

Neste momento, Celina diz que os índios devem buscar reconquistar parte das terras que lhes foram tiradas e reivindicar os seus direitos enquanto cidadãos, para que as comemorações não sejam exclusivas dos vencedores.